CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
FILMES DAS AULAS
20 de julho de 2023

THE BIRTH OF A NATION / 1915

("O Nascimento de Uma Nação")

um filme de David W. Griffith

Realização: David W. Griffith / **Argumento:** David W. Griffith, assistido por Frank Woods, segundo o romance e a peça teatral "The Clansman" da autoria do Rev. Thomas Dixon Jr., com material adicional baseado no romance "The Leopard´s Spots" do mesmo autor / **Fotografia:** G. W. Bitzer, assistido por Karl Brown / **Assistentes de Realização:** George Siegmann, Raoul Walsh, W. S. Van Dyke, Erich Von Stroheim, Jack Conway / **Montagem:** James Smith / **Interpretação:** Henry B. Walthall (Benjamin Cameron, o coronel), Mae Marsh (Flora Cameron), Violet Wilkey (Flora em criança), Miriam Cooper (Margaret Cameron), Josephine Crowell (Mrs. Cameron), Spottiswoode Aitken (Dr. Cameron), George André Beranger (Wade Cameron), Maxfield Stanley (Duke Cameron), Lillian Gish (Elsie Stoneman), Ralph Lewis (Austin Stoneman), Elmer Clifton (Phil Stoneman), Robert Harron (Tod Stoneman/ o espia "Black-face"), Mary Alden (Lydia Brown, a ama), Sam de Grasse (Senador Charles Sumner), George Siegmann (Silas Lynch), Walter Long (Gus, o renegado), Wallace Raid (Jeff, o ferreiro), Joseph Henabery (Abraham Lincoln), Alberta Lee (Mrs. Lincoln), Donald Crisp (General Ulysses S. Grant), Howard Gaye (General Robert E. Lee), William Freeman (sentinela do Hospital Federal), Olga Grey (Laura Keene), Raoul Walsh (John Wilkes Booth), Elmo Lincoln ("White-arm" Joe / leiloeiro de escravos no prólogo; Leader do contra-ataque dos confederados em Piemonte), Tom Wilson (criado negro dos Stoneman), Eugene Pallette (soldado da União), Mme Sul-te-Wan (mulher negra com xaile cigano), Bessie Love (rapariga de Piemonte), William de Vaull (Jake), Jennie Lee ("Faithful Mammy"), Erich Von Stroheim (homem que cai do telhado).

Produção: David W. Griffith e H. E. Aitken para a Epoch Production Corporation / **Rodado em:** Hollywood (estúdio), e em San Fernando Valley, Imperial Valley, Big Bear Lake, Arrow Head e Calabazas (exteriores) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, versão integral e restaurada, com recuperação das tintagens e viragens originais, muda, com intertítulos em inglês e legendas eletrónicas em português, 173 minutos (a 18 imagens por segundo) / **Estreia Mundial:** sob o título **The Clansman**, no Clune's Auditorium em Los Angeles a 8 de Fevereiro de 1915, (27 semanas) / **Estreia Mundial:** sob o título **The Birth of a Nation**, no Liberty Theater, em Nova Iorque a 3 de Março de 1915 (44 semanas) / Inédito comercialmente em Portugal, onde, à época não foi exibido / **Primeira exibição conhecida em Portugal:** Cinemateca Nacional, Palácio Foz, 20 de Abril de 1965, em cópia em 16mm / **Primeira exibição da cópia restaurada em 35mm:** Cinemateca Portuguesa, Sala Dr. Félix Ribeiro a 20 de Outubro de 1980.

Com acompanhamento ao piano por Daniel Schvetz

A projeção terá uma pequena pausa mais ou menos a meio e com cerca de 5 minutos de duração.

Foi há 96 anos. No dia 8 de Fevereiro de 1915, em Los Angeles, **The Birth of a Nation**, ainda não com esse título mas com o original de **The Clansman**, foi apresentado ao público pela primeira vez. Peter Bogdanovich em **The Nickelodeon** recriou esse histórico momento, ocorrido no Liberty Theatre em Riverside, na Califórnia. Um homem sozinho no palco, no final da projecção - D. W. Griffith - escutava, comovido, a ovação a um dos mais fabulosos, controversos e polémicos filmes de todos os tempos.

Recordemos alguns factos. Griffith abandonara a Biograph em Outubro de 1913 e durante os restantes meses desse ano e em 1914 estreou quatro longas metragens (fizera a primeira - **Judith of Bethulia** - ainda em 1913 para a Biograph).

Mas nenhuma dessas realizações o satisfez plenamente. Quando abandonara a Biograph - sabemo-lo pelo seu inseparável colaborador, o genial operador Bill Bitzer - a sua ideia já era fazer *"the greatest picture ever made"* e já escolhera o tema dela: o romance do pastor protestante Thomas E. Dixon, "The Clansman", publicado em 1902, através duma adaptação ao teatro feita pelo mesmo autor. Mais tarde, Griffith combinou essa fonte com outro romance de Dixon ("The Leopard's Spots") e adquiriu os direitos para o cinema por 2.500 dólares e 25 por cento sobre os lucros do filme.

Em 1914, quando ainda trabalhava na sua obra anterior, já estava inteiramente possuído pela ideia do novo filme. Previa-o com uma duração aproximada de 2 horas (o dobro da das suas obras anteriores) e calculava o seu custo em 40 mil dólares, quatro vezes mais do que o utilizado nas longas metragens antecedentes, e o dobro, sensivelmente, do mais caro filme até então feito na América. Aterrados, os homens de Reliance deitaram as mãos à cabeça e apenas Aitken defendeu Griffith. Após uma série de peripécias, - e a recusa da "Mutual", distribuidora da Reliance, de assumir os riscos de difusão da obra - Aitken demite-se, liquida a Reliance e constitui com Griffith a "Epoch Producing Corp.", de que os dois foram, respectivamente, presidente e vice-presidente.

As filmagens decorreram entre Julho e Outubro de 1914, ao tempo em que, na Europa, começara a primeira guerra mundial. Sobre elas se escreveram centenas de milhares de páginas, dando conta das crescentes exigências de Griffith e da crescente subida do orçamento. Resultado final: um filme com 3 horas e 45 minutos de projecção (*) (duas horas era o máximo onde até aí se tinha ido) e que custara a soma, inacreditável para a época, de 110 mil dólares. Partindo desse aspecto, pode-se dizer que **O Nascimento de uma Nação** marca, na indústria cinematográfica, uma revolução decisiva. Porque, pela primeira vez, se investiu no cinema uma soma fabulosa, apostando que esse investimento não seria perdido. E não o foi. Em cinco anos, o filme deu um lucro líquido de 4 milhões de dólares, ou seja 40 vezes mais do que o dinheiro nele investido. O cinema revelou-se um negócio fabuloso e, a partir desses dias de 1915, ninguém iria mais olhá-lo noutros termos. Uma nova indústria nasceu com este "Nascimento", que em breve iria ser a 5ª dos E.U.A. por ordem de importância.

Por outro lado, **O Nascimento de uma Nação** ia pôr meio mundo a discutir com a outra metade, num dos mais controversos debates ideológicos da história do cinema. A visão de Griffith da Guerra Civil Americana, das consequências dela para os Estados do Sul, e do papel do "Ku-Klux-Klan" serviram de pasto a uma discussão interminável. Em muitos estados americanos o filme foi proibido, em muitas cidades organizaram-se manifestações e boicotes, as plateias dividiram-se entre os que achavam que Griffith respeitava a verdade histórica e os que lhe chamavam reaccionário e racista. Mais importante do que a razão duns e doutros (e do próprio Griffith, que publicaria, em sua defesa, o célebre manifesto "The Rise and Fall of Free Speech in America") é o facto de, pela primeira vez, um filme ser tema dum debate de proporções à escala nacional, motivando intervenções - pró ou contra - das mais altas instâncias políticas e ideológicas. Com **O Nascimento** o cinema nascia como arma ideológica, com as consequências que também se conhecem: revelava-se o poder deste *medium*.

Mas, para o que mais importa, **O Nascimento de uma Nação** foi, também, o nascimento do cinema como arte? A questão é evidentemente muito mais subjectiva, mas parece difícil negar que

(*) Griffith reduziu depois o filme para 3 horas e 5 minutos, cortando-lhe as sequências mais polémicas.

a generalização de tal estatuto não deva muitíssimo à existência deste filme que, desde 1915, ocupa um incontestado lugar nas periódicas listas dos "melhores filmes de todos os tempos". E, com mais objectividade, pode dizer-se que não há obras anteriores que tenham ido tão longe nos caminhos da narratividade fílmica e da construção cinematográfica.

Seja ou não o nascimento do cinema como arte, o que parece incontestável é a afirmação de Eileen Bowser segundo a qual, depois da estreia desta obra, o cinema nunca mais foi o que era antes. Uma enorme revolução estética - talvez a fundamental do século XX - encontra aqui o seu marco miliário.

No breve espaço de que disponho, limito-me a esboçar, esquematicamente, algumas das muitas riquezas desta obra inesgotável:

a) O modo como Griffith consegue a fusão entre a história das duas famílias: os Cameron e os Stoneman. Sublinhe-se a natureza diferente dessas famílias, base de toda a estrutura da obra: a numerosa família sulista (pai, mãe e cinco filhos, a que a guerra e suas consequências roubariam três elementos); a família nortista (onde não existe mãe, o pai - coxo - mantém uma ligação ilegítima, sexual e racialmente transgressiva, e só há três filhos dos quais morre apenas um).

b) O pano de fundo colectivo que rodeia a família sulista (que recebe, por duas vezes, antes e depois da guerra, a família nortista) por contraste com o isolamento dos Stoneman. Os Cameron vivem numa casa "comunicativa" (as escadas) que dá para outra rua e onde a rua entra; dos Stoneman conhecemos apenas os espaços frios duma biblioteca e dum *hall*. Quando os Cameron vão para a guerra, a gente da cidade rodeia-os; quando da partida dos Stoneman, uma sebe isola-os e apenas a irmã - futuro laço de ligação - se despede deles.

c) É no sul que se desencadeiam as paixões (mesmo que por uma imagem - o medalhão com o retrato de Lillian Gish) e têm lugar os casamentos finais. Tudo o que é significativo para a acção sucede lá. O norte, para além do que já se disse, é o teatro de guerra e da morte (no teatro) de Lincoln.

d) A oposição e o paralelismo das duas grandes personagens femininas (Lillian Gish e Mae Marsh), ambas ameaçadas de violação. Só que a primeira (nortista) é salva pela revolta do Klan, quando se recupera a imagem do branco Stoneman e o mal se cataliza inteiramente no mulato; enquanto a primeira - imagem da inocência e da frescura - é a vítima propiciatória na genial sequência que tão fortemente evoca a simbologia do "capuchinho vermelho" (o cesto, a floresta e o preto lobo mau). O massacre dessa inocente é o sinal de catársis e da redenção.

e) A aliança do grande fresco romanesco e romântico (as batalhas, a carga final do Klan) com o intimismo lírico que lhe confere e dele retira outro valor. Exemplos celebrados: o plano da mãe e crianças na colina antes da abertura em íris e da panorâmica sobre a marcha dos soldados; a morte do mais novo dos Cameron e do mais novo dos Stoneman nos braços um do outro; o soldado que cobiça Lillian Gish no hospital; o regresso de Ben Cameron a casa; os beijos de Lillian Gish e Henry B. Walthall com os pombos; o nascimento da ideia do Klan, quando Ben Cameron se encontra, como a mãe e as crianças de guerra, a meio de uma colina olhando o vale.

f) A carga plástica do final (mais uma vez a pintura americana do fim do século) com os dois casamentos e o Cristo em sobreposição simbolizando a unidade *"agora e para sempre"* encontrada.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico